



O artista em apresentação musical, como Nonato em *A força do querer*, como o famoso serial killer no filme *Maníaco do Parque* e como Érico em *Garota do momento*



to, ensaia uma homenagem a Ney Matogrosso — outro corpo híbrido, também guerreiro, também feito de arte e resistência. Mas ele já cantou Belchior. “O público que consome música é muito diferente do público de teatro, e isso me causa uma construção de um outro Silvero cênico, ou seja, uma nova postura como artista que canta e usa da interpretação teatral para se expressar na música.”

Silvero reflete sobre estar em sua terceira novela, no terceiro papel LGBTQIAPN+. “A televisão não é um espaço de muitas apostas, de correr riscos nas atuações. Então, colocar os artistas em determinados personagens é comum na teledramaturgia. Já o cinema tem mais tempo e desejo de experimentar, de se aventurar”, revela o ator, que admite o anseio por brincar com o inesperado: sonha em interpretar um vilão

caricato de novela, como Vlad, de *Vamp*, ou compor um núcleo cômico. Porque Silvero também quer se surpreender.

Ainda assim, seu compromisso com a denúncia não cessa. Em seu novo monólogo, *Pequeno monstro*, que retorna em cartaz no Teatro Sesi Firjan Centro, no Rio de Janeiro, volta os olhos à infância queer, aos traumas e às violências que marcam corpos desde cedo, através de relatos reais colhidos em diferentes

países. Uma dramaturgia urgente, feita para abrir os olhos da sociedade — e também para exorcizar, com arte, as dores que doem desde antes do palco. “O espetáculo traz questões sobre violências LGBTQIAPN+ na infância através de relatos reais de diferentes regiões do país e do mundo, numa tentativa de denunciar e abrir os olhos da sociedade sobre essa questão.”

Leveza e estratégia

Nem mesmo a hipertensão, descoberta recentemente, conseguiu desacelerá-lo. “Mudou minha maneira de cuidar do meu corpo, ficar atento aos sinais e me cuidar mais. Hoje tenho acompanhamento nutricional e faço exercícios diários para garantir uma saúde melhor, tomo o medicamento necessário e sigo a vida normalmente”, explicou. E acrescentou: “Viver com hipertensão não é um bicho de sete cabeças quando se cuida corretamente da saúde”.

Silvero habita o presente com leveza, mas também com estratégia. Tem consciência do lugar que ocupa — e da necessidade de ocupar cada vez mais. Érico, seu personagem atual, é reflexo disso: uma drag dos anos 1950, um pai amoroso que também é uma presença queer onde antes só havia silenciamento. Não se está inventando uma história no intuito de gerar polêmica ou discurso. O que se está fazendo é informar que sempre estivemos presentes na história”, defendeu.

E com ele, de fato, muita gente se vê, se ouve, se reconhece. “Tenho sido abordado com muito carinho e por várias gerações. Isso tem acontecido na academia, no supermercado, na praia, nas redes sociais... Fico muito feliz, pois comprova que o personagem acesou o coração do público. Fora que é maravilhoso ver os jovens, especialmente, com tanto interesse em uma novela como essa”, contou.

No fim das contas, Silvero Pereira é esse corpo múltiplo em trânsito entre a voz e o gesto, entre a dor e a celebração. Um artista que faz do palco altar, da tela trincheira e da arte, um susto bom. Porque se ele não se surpreende, enjoa. Mas quem o vê em cena, quase sempre, fica encantado.